

PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

Cadê o gato?

• Entre os mais ricos brasileiros, 2% usam energia roubada. A prática de ter gatos, ou sistema ilegal de abastecimento de energia, chega a 6% na classe média alta. O Rio tem a mesma renda de Belo Horizonte mas tem três vezes mais gatos que BH. Nas favelas, 41% das ligações elétricas são clandestinas. A Fundação Getúlio Vargas acaba de concluir um estudo sobre o assunto.

O estudo para identificar o perfil do consumidor irregular de energia foi feito pelo Centro de Políticas Sociais da FGV.

O economista Marcelo Neri acha que as constatações a que o grupo chegou são preocupantes neste momento.

— Quando se verifica que 41% das favelas não pagam energia, a gente só pode concluir que é preciso algum tipo de política pública para envolvê-los no corte de energia — afirma Neri.

Um dos problemas detectados pelo estudo é que o fato é um fenômeno que acontece em todas as classes sociais. Nos 20% mais pobres, os miseráveis, 20% usam energia irregular. Nos 20% mais ricos, a elite, 2,03% usam energia roubada.

Os primeiros têm a atenuante da pobreza, os outros exibem um comportamento vergonhoso. Na classe média alta, o roubo é praticado por 6% dos consumidores.

O que os economistas chamam delicadamente de “taxa de informalidade elétrica” chega a 10,67% no Rio, quando em Belo Horizonte é de 3,27%.

— Pode estar ligado à maior informalidade do Rio — pensa Marcelo.

O estudo feito pela FGV usou como base de dados a Pesquisa de Padrões de Vida do IBGE que tem dados de cinco mil domicílios. Estes dados revelam os “gatos” porque entre as perguntas está a de qual é o gasto da família com energia elétrica. O estudo mostrou que entre os que usam energia sem pagar 8,89% estão no mercado formal (11,48% no informal), 1,28% tem computador, 1,02% tem microondas, 1,07% tem ar

condicionado e 8,78% têm ventilador.

Marcelo Neri acha que a tendência agora, com a sobretaxa, é aumentar o incentivo para se instalar “gatos”. Este é o primeiro fator preocupante.

— Quem usa energia sem pagar não tem a menor preocupação com o raciocínio. Isto pode levá-los a usar luz sem limites. Nas favelas, onde chega a 41% o número de pessoas que não pagam pela energia usada, deveria ser feito um programa específico — afirma.

A proposta dele é que de alguma forma se incentive a redução de consumo nestas áreas através de benefícios coletivos.

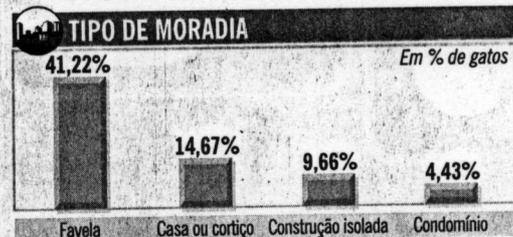
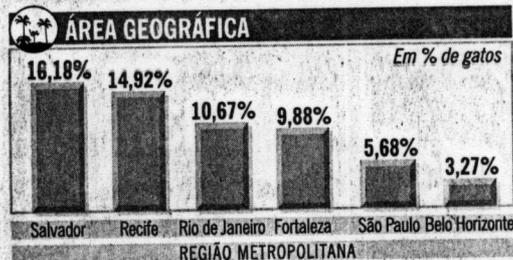
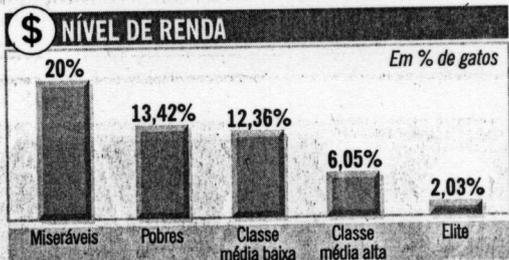
— A favela que economizasse receberia verbas para a associação de moradores, por exemplo.

Ele diz que não dá é para ignorar a extensão do assunto neste momento em que todos estão cortando consumo e que o uso indiscriminado põe todos em risco.

— A idéia seria introduzir um nível intermediário entre os níveis micro e o macroeconômico de incentivos à economia de energia. A conta de cada um deveria refletir não só o consumo domiciliar mas também o da comunidade em que ele está inserido. A proposta é que se crie uma aferição de desempenho das vizinhanças onde é possível medir o consumo de energia como um todo, aí incluindo tanto as ligações formais de energia como as clandestinas. Se houver redução do consumo da comunidade em relação a um parâmetro previamente fixado através de medições, cada um dos seus membros será premiado. A vantagem é explorar redes de solidariedade da comunidade.

Editoria de Arte

Ligações clandestinas



FONTE: CPS-FGV/IBGE

E-mail para esta coluna: paneco@oglobo.com.br

COM MARIANA MAINENTI